

A AMEAÇA DA DECADÊNCIA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 06.07.1982

A decadência da Argentina é um espectro permanente para o Brasil, porque, se aquele país há muito entrou em uma profunda e insolúvel crise, isto é um sinal que o mesmo também poderá acontecer com o Brasil.

Não estou sugerindo que esse seja um resultado provável da presente crise brasileira. As diferenças entre a crise estrutural da Argentina e do Brasil são muito grandes. Mas é preciso salientar e fortalecer essas diferenças para que afinal não caiamos nos mesmos erros.

A decadência Argentina está diretamente relacionada com a incapacidade de suas classes dirigentes de resolver o conflito econômico e o conflito político que se instalou entre elas a partir da industrialização iniciada nos anos trinta.

O peronismo, nos anos quarenta e cinquenta, foi uma falsa solução, e transformou-se depois, nos anos setenta, na maior tragédia da Argentina, tragédia esta só comparável com a tragédia do militarismo argentino, que teve seu desfecho lastimável na guerra da Malvinas.

O populismo peronista foi uma falsa solução porque não logrou estabelecer as bases sólidas de uma burguesia industrial local e muito menos destruir as bases do poder da aristocracia terratenente de plantadores de trigo e criadores de gado. Essa burguesia mercantil, aliada ao capital financeiro, ao imperialismo e à tecnoburocracia militar, conservou sempre o poder econômico, e acabou sempre recuperando o poder político quando o perdia.

No Brasil a burguesia agrário-mercantil latifundiária jamais teve o mesmo poder e a mesma unidade da sua correspondente na Argentina. Foi inclusive uma fração do latifúndio, sob a liderança de Getúlio Vargas, que liderou o processo de industrialização brasileiro. A Revolução de 1964 constituiu um imenso retrocesso político na medida em

que se perdeu em um autoritarismo fora do lugar, mas jamais foi um movimento de restauração do latifúndio agrário-mercantil livre-cambista e antinacional.

O livre cambismo e o liberalismo econômico anti-industrializante sempre tiveram seus defensores no Brasil. em alguns momentos, como em 1954 ou em 1961, chegou ao poder, mas logo foi dele expelido. E após 1964 a política econômica foi muito mais o produto de uma aliança da tecnoburocracia modernizante com o capital industrial do que qualquer outra coisa.

Por incrível que pareça, entretanto, dada a relativa ruptura da aliança da burguesia industrial com a tecnoburocracia militar, e dada especialmente a grande crise econômica do modelo de subdesenvolvimento industrializado instalado no Brasil, as vozes anti-protecionista, marcadas por um liberalismo econômico a la Martinez de Hoz (e também a la Thatcher e a la Reagan, aliás duas outras potências decadentes) começam a ser ouvidas cada vez com mais insistência no Brasil, com o beneplácito, inclusive, de alguns incautos e incompetentes representantes da grande burguesia industrial.

Não creio que essas vozes sejam afinal ouvidas, mas é preciso ter cautela. É preciso especialmente que a burguesia industrial brasileira não confunda democracia com liberalismo econômico. Porque nesse caso o Brasil estará caminhando também a passos largos para a decadência, em um processo em parte semelhante ao da Argentina, e em parte ao da Inglaterra e dos Estados Unidos.(06/07)